

economia@atribuna.com.br

Economia

Café enfrentará forte volatilidade

Durante seminário da Associação Comercial, especialista diz que oferta de petróleo e juros americanos influenciarão preços do grão

MARCELO SANTOS

DA REDAÇÃO

Os próximos meses serão de intensa volatilidade para o café, cujos preços são fortemente influenciados pelo vaivém do petróleo. A preocupação com o comportamento do grão na bolsa abriu ontem as discussões do 21º Seminário Internacional do Café de Santos, no Sofitel Jequitimar, em Guarujá, com o tema *Brasil é negócio*.

O evento, organizado pela Associação Comercial de Santos (ACS), contou com Giuseppe Lavazza, vice-presidente da italiana Lavazza.

O vice-presidente da INTL FCStone, Albert Scala, disse que o café teve a terceira maior queda de preço entre as commodities (produtos agrícolas e minerais negociados em bolsa) no ano passado, de 37%. No último mês, a cotação subiu 4%.

Porém, há vários fatores que indicam volatilidade (oscilações bruscas de preço). Por exemplo, se os produtores de petróleo não segurarem a extração, o barril ficará mais barato, valorizando o real – isso reduz o ganho dos exportadores.

Há expectativa dos EUA deixarem os juros negativos para estimularem o consumo, o que valoriza as commodities. Ou ainda, se os britânicos votarem pela saída do país da União



Giuseppe Lavazza: grupo italiano, cliente do café brasileiro, faz aquisições para se tornar empresa global

Europeia, o euro perderá força e o dólar ficará forte.

O diretor técnico do Cecafé, Eduardo Heron, diz que a volatilidade já é grande. "A valorização obtida em uma semana foi perdida em um só dia". Segundo ele, a boa notícia é que o mundo continua consumindo e o Brasil mantém a produção.

Neto do fundador da Lavazza, Giuseppe Lavazza diz que a empresa domina 45% do mercado de café na Itália, com faturamento anual de € 1,4 bilhão. A companhia comprou a francesa Cartre Noire e a dinamarquesa Merrild, todas importadoras do Brasil.

A intenção da Lavazza é se

consolidar como uma gigante mundial do café, posto hoje liderado pela Nestlé, com receita € 10 bilhões. "A Lavazza está se tornando uma empresa global e isso é uma ótima notícia para o mercado brasileiro".

Na abertura, o presidente da ACS, Roberto Clemente Santini, afirmou que o setor de café

Expectativa



"Em 2015, o resultado do agronegócio brasileiro apresentou um incremento de 15,9%, registrando movimento recorde de 163,3 milhões de toneladas e demonstrando um vigor do setor agrícola brasileiro. Os números para a safra 2016/17 do café são extremamente positivos"

Roberto Clemente Santini, presidente da Associação Comercial de Santos

vive um momento positivo. Segundo ele, a estimativa oficial para este ano é de colheita de 50,2 milhões de sacas, um aumento de 7 milhões (alta de 16%) em relação a 2015. Mas, o otimismo do mercado leva o setor privado a apostar em até 57 milhões de sacas.

O vice-governador Márcio

França disse que o café dá uma grande lição ao País, pois "nas horas boas e nas horas difíceis" sempre investirá na exportação. Ele acha que a recuperação da economia vai coincidir com o eventual Governo Temer.

PARTICIPAÇÕES

A abertura contou com os prefeitos Antonieta de Brito (Guarujá), Paulo Alexandre Barbosa (Santos) e Mauro Orlandini (Bertioga), o diretor-presidente de A Tribuna, Marcos Clemente Santini, o comandante da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea, João Chalella Jr, o presidente do Conselho de Exportadores de Café (Cecafé), Nelson Carvalhaes, e o delegado-chefe da Polícia Federal em Santos, Júlio César Baida Filho, entre outras autoridades.

No evento, a ACS homenageou três nomes tradicionais do café – Michael Timm (Stockler Ltda), Bernardt Arnoldt (Stockler Ltda) e Urs Wegmann (Volcafé).

O economista e ex-ministro Delfim Netto abrirá os debates hoje às 9 horas. Em seguida, serão discutidos o mercado japonês, o consumo de café nos EUA e oferta e demanda mundiais.

MAIS INFORMAÇÕES NO SITE
WWW.SEMINARIOCAFESANTOS.COM.BR.

FOTOS ROGÉRIO SOARES